

O NEGRO, O RACISMO E O PROJETO DE DOMINAÇÃO COLONIAL EM BOM-CRIOULO, DE ADOLFO CAMINHA

SANTOS, Rivaldo Pereira dos
Doutorando – PPGL-UFPB
SCHNEIDER, Liane (orientadora)

Logo no início, o narrador nos induz a verificar que a questão racial, a questão de gênero – masculinidades marcadas negativamente – e questões do colonialismo formarão o eixo sobre o qual estará assentado a narrativa. Percebemos já na descrição inicial da corveta que a cor branca desta estava aliada ao bom, ao novo, ao não-marcado, enquanto a cor negra e encardida estava associada ao marcado, ao nefasto, à morte, ao rejeitado.

A velha e gloriosa corveta - que pena! - já nem sequer lembrava o mesmo navio d'outrora sugestivamente pitoresco, idealmente festivo, como uma galera de lenda branca e leve no alto mar grimpano serena o corcovo das ondas! (...). Estava outra, muito outra, com seu casco negro, com as suas velas encardidas de mofo, sem aquele esplêndido aspecto guerreiro que entusiasmava a gente nos bons tempos de "patescaria". Vista ao longe, na infinita extensão azul, dir-se-ia, agora, a sombra fantástica de um barco aventureiro. (CAMINHA. 1983, p.9)

Deste modo, podemos observar que os adjetivos 'velho' e 'negro' estão, de fato, aqui associados a algo marcado negativamente, se opondo aos adjetivos 'gloriosa' e 'branca'. A corveta, comparada com um morcego apocalíptico, simboliza justamente a "mancha" da raça negra que tornava suja a história dos mais de trezentos anos do Brasil colônia e da recém ex-colônia. O pensamento de correntes teóricas que apregoavam a supremacia da raça branca aportara em terras brasileiras advindas do outro lado do Atlântico, ou seja, exatamente dos países imperialistas da Europa Ocidental defendia a teoria do embranquecimento da raça brasileira. Na verdade, este era um projeto de erguer nos trópicos um país grandioso isento da mácula "negra".

Assim, o esquife agourento, como ponto negro sobre o mar, também nos dá indício de que a corveta carrega algo negativo em seu interior. Apesar, desta pertencer à Marinha Imperial, o tratamento recebido pelos marinheiros de "Sua Majestade" pouco diferia daquele recebido pelos navios negreiros que trafegavam em nossos mares. A violência recebida pelos tripulantes, a falta de higiene e o caos que imperava nas relações perpetradas no interior da corveta beiravam os píncaros da crueldade. Na verdade, o narrador desvela sem rodeios o agir desumanizante que era inferido aos marujos inferiores na hierarquia da Marinha Imperial e entre estes havia muitos negros fugitivos das lavouras do café.

Logo no primeiro parágrafo da narrativa, percebemos, através dos símbolos associados à cor negra, que está se descortinando uma tragédia ao longo do enredo de *Bom-Crioulo*. Após a abertura antológica da obra, o narrador nos introduz o protagonista, cuja alcunha dá título à obra: *Bom-Crioulo*. Este, por ser marinheiro negro e da baixa hierarquia, está sendo chicoteado por Agostinho – outro marinheiro, também negro – responsável por punir todos que infringissem o código da marinha.

“Era o guardião Agostinho, o célebre guardião Agostinho, especialista consumado no ofício de aplicar chibata” (CAMINHA, 1983 p. 12). Ironicamente, Amaro fugira das crueldades perpetradas aos escravos na lavoura do café e agora, na Marinha Imperial, como negro liberto, também iria sofrer castigo similar, ou talvez pior, pois em alto mar não havia como fugir. Ser negro, segundo a política reinante no final do século XIX, era ser vítima, independente do espaço que se ocupasse naquele recorte histórico brasileiro. Como se a própria condição de ser negro imputasse neste, além da marca de “vítima” a de “algoz”. Estes dois termos no negro não eram excludentes, mas se locupletavam. Nesse universo, ao se nascer negro, não se tem escapatória. “Vítima”, devido à marca da cor de sua pele, herdada da genética, e que o marcava negativamente e “algoz” do branco, devido ao atavismo cultural que considerava sua raça violenta e aterrorizadora, por estar próxima ao animal. Este ao trazer, como estigma, a marca da diferença na pele em relação ao padrão universal de humanidade, ao mesmo tempo é marcado pelo determinismo biológico, que exime o elemento branco colonizador de toda responsabilidade em relação ao outro ser que lhe seria inferior. “O negro, mesmo antes de ser escravizado tinha um defeito, que para muitos serviu de justificativa para sua escravatura, e esse defeito era sua cor” (BROOKSHAW, 1983, p.12).

O narrador, através da comparação que é estabelecida entre a corveta e um morcego apocalíptico, apresenta as coordenadas sobre o que ocorrerá ao longo do romance. Bom-Crioulo, pelo duplo estigma que carrega em seus ombros – ser negro e praticante da homossexualidade – deverá receber em seu corpo e em sua mente os castigos por infringir a “lei da hegemônica sexualidade natural” e a “lei da civilização branca” promulgada pelos colonizadores e perpetuadores do patriarcalismo ocidental, branco e cristão. Na verdade, Amaro só parece aceito pelo grupo de marinheiros – hierarquicamente superiores – quando exercita papéis subservientes ou que envolvam a utilização de sua enorme força física a serviço da causa do dominante branco; a alta hierarquia da corveta era branca. Ao contrário, se ele for de encontro ao instituído pela ordem branca, deixará de ser o “Bom-Crioulo”, e passará a ser o negro que tem de se sujeitar aos castigos e estigmas “merecidos”. Vemos aqui, o Naturalismo aflorando e marcando as categorias de negro e homossexual do personagem-título negativamente, subsidiado tanto pelo seu determinismo histórico e atrelado às teorias científicas, sobre raça, servindo de sustentáculo à causa do branco europeu e colonizador.

É sabido que os valores estabelecidos hegemonicamente pela sociedade continuam definindo os indivíduos e os caminhos que esses devem seguir. “Estereótipos congelam a personalidade, apagam individualidades, dotando o receptor com características que se adaptam ao ponto de vista *a priori* do percebedor em relação à classe social ou étnica, ou ainda, à categoria sexual de sua vítima” (BROOKSHAW, 1983, p.10). Bom-Crioulo sofre com suas dúvidas por suspeitar que sua relação interracial com Aleixo assumia a forma de algo deveras complicado, quase inexequível. Raciocinando deste modo e sofrendo com o peso das normas da sociedade colonizadora branca, Amaro passa a questionar seu próprio *modus vivendi* e tenta assujeitar-se ao modelo vigente de relacionamento afetivo-sexual para não sofrer. Percebemos, assim, que as relações de poder influenciam e modelam comportamentos, forçando o sujeito negro a pensar em comportar-se como branco e o praticante da homossexualidade a sujeitar-se aos ditames do heterocentrismo.

Em relação às elucubrações que o branco Aleixo, devido à herança da cultura branca hegemônica, projeta em seus pensamentos sobre o negro Amaro temos que aquele

receava ter de o suportar com seus caprichos, com o seu bodum africano, com seus ímpetos de touro, e esta lembrança, entristecia-o como um arrependimento. Ficava abominando o negro, odiando-o quase, cheio de repugnância, cheio de nojo animal com formas de homem, que dizia ser amigo unicamente para gozar. (CAMINHA, 1983, p.56)

O bodum africano – transpiração excessiva ou de mau cheiro – está aqui relacionado ao cheiro do suor que exalava do corpo de Amaro no momento do relacionamento sexual. Esta referência tão forte ao olfato parece querer dar ênfase ao caráter animalesco tão frequentemente ligado aos negros, pelo olhar do branco. Ao mesmo tempo, percebe-se que Aleixo sentia-se, de certa forma, usado, como se Amaro só quisesse tê-lo, utilizando-se da força, unicamente para seu gozo próprio. Além disso, Aleixo se percebe na posição de objeto submetido, posição frequentemente ocupada pelas mulheres ao longo da história de grupos patriarcais. Lembramos que o patriarcado, ao longo da história, esteve baseado socialmente na opressão do feminino pelo seu oposto masculino.

Carola Bunda, a portuguesa e prostituta que aluga o quarto para o casal logo no início do romance, também repetirá o preconceito racial em relação a Amaro quando afirma: “Negro é raça do diabo, raça maldita que não sabe perdoar, que não sabe esquecer” (CAMINHA, 1983, p.67). Neste momento, ela deixa vir à tona toda a carga de racismo introjetado sócio-culturalmente. Carola, portuguesa de classe baixa, prostituta de profissão, coloca-se na posição do branco colonizador, tomando as “verdades” daquele como sendo suas. “O modo como o branco vê o negro, foi moldado desde a infância pelas histórias em que a negritude era associada ao mal e os que faziam o mal eram negros” (BROOKSHAW 1983, p.13). Esta deturpação do campo de visão do colonizador advém do fato deste se perceber como social e culturalmente superior ao colonizado.

O narrador também deixa claro que quando Bom-Crioulo se enfurecia, tornava-se um risco para todos que se impusesse em seu caminho. “O negro parecia uma fera desencarnada: fazia todo mundo fugir” (CAMINHA, 1983, p.16). Através desta comparação do personagem Amaro com uma fera é mais uma vez reforçada a questão da animalidade do negro que imperava em diversas teorias científicas discutidas anteriormente. De acordo com estas teorias, por não terem atingido o grau de civilidade dos padrões dos brancos europeus, os descendentes dos africanos, vez e outra podiam “desencarnar” a fera perigosa que jazia no interior de cada um deles. De fato, ao longo de *Bom-Crioulo* a comparação do negro com o mundo animal pode ser vista em diversas passagens. Percebe-se, ao longo da narrativa que esse sujeito deveria ser contido e aprisionado, como vemos na citação a seguir: “Nesse tempo ‘o negro fugido’ aterrorizava as populações de um modo fantástico. Dava-se caça ao escravo como aos animais, de espora e garrincha, mato adentro (...)” (CAMINHA, 1983, p.17). Portanto, o resgate de um negro fugido era marcado como ação positiva aos olhos sociais. Lugar de animal em liberdade, só em seu *habitat* natural.

Outro aspecto sobre o qual Adolfo Caminha se debruça ao longo do romance é a questão da imposição da estética branca como ideal de beleza. Esta foi uma, entre várias, das formas que o narrador encontrou para demonstrar o racismo presente na obra. Tal estética, herdada dos ideais de beleza dos gregos, excluía qualquer fenótipo que não estivesse dentro dos parâmetros fundamentados no mundo clássico ocidental. Na seguinte passagem, quando o narrador descreve a beleza de Aleixo, percebe-se essa

herança nunca questionada: “Belo modelo de efebo que a Grécia de Vênus talvez imortalizasse em estrofes de ouro límpido e estátuas duma escultura sensual e pujante” (CAMINHA, 1983, p.39). Em contrapartida, a descrição do Bom-Crioulo, - negro, trazendo na pele a marca do colonizado, do selvagem africano, antípoda ao ideal imortalizado pelo mundo helênico – é totalmente outra. Inclusive, quando o narrador descreve Amaro, encontramos vocabulário utilizado no jargão popular, se opondo ao vocabulário castiço utilizado para descrever o branco Aleixo: “– Quem é que não o conhecia, meu Deus? Por sinal tinha sido escravo e até nem era feio o diabo do negro...” (CAMINHA, 1983, p.22). As duas passagens do romance dão respaldo às questões raciais embutidas nos estereótipos enraizados de preconceitos em relação ao fenótipo do “diferente”. Esta rejeição ao negro funcionava dentro de um binarismo onde o elemento branco está sempre associado à beleza, ao clássico, se opondo ao outro, sempre agregado ao feio, ao popular.

Algo que também merece destaque no romance analisado é o fato de que a categoria ‘raça’ acaba por praticamente modelar a sexualidade. Esta questão aflora quando o narrador nos aponta a questão de gênero associada à raça como parâmetro de manifestação do desejo sexual. Esta preocupação social finissecular, se firmava cada vez mais no Brasil devido aos auspícios do fim da escravidão. O negro em liberdade, deste modo, desestabilizava a ordem imperial e colonial, pois, com suas selvagerias e alto índice de fertilidade, poderia degenerar o sangue dos brasileiros, desestabilizar a “ordem” e tornar a nação brasileira portadora de uma população não branca. Este era o modelo a copiar, sugerido pelas elites brancas brasileiras, para *terra brasilis*, modelo este espelhado das nações imperialistas e civilizadas europeias.

O recrutamento de imigrantes portugueses, tal como sucedia com a mão de obra de outras nacionalidades, era objeto de uma atividade organizada sob a forma empresarial e várias companhias e engajadores empenhados neste negócio recebiam subsídios do governo brasileiro ou trabalhavam diretamente para governos federais. (PEREIRA, 2002, p.29)

Deste modo, a chegada de brancos ao Brasil, como assalariados para a lavoura do café, tentava dissimular o real objetivo que era diminuir o contingente negro da população brasileira, já que não era possível suprimi-lo.

A partir da década de 1870, com a iminência do fim da escravidão e o conseqüente pânico moral sobre as transformações sociais que dela surgiram, é que emergiram novas reflexões sobre a sociedade brasileira e a necessidade de construção de seus “desvios”. Essas reflexões utilizaram a sexualidade como uma estratégia de crítica da velha ordem, mas também de consolidação de uma nova, burguesa, que mantivesse hierarquias raciais e de gênero de forma que, em nossa república vigorasse a desejada ordem e, a partir dela alcançássemos aquele grande mito do dezenove, o progresso. (BELUCHE, 2008, p. 108).

Bom-Crioulo, através da voz do narrador, busca justificar-se perante si mesmo, por praticar “cousas medonhas” no terreno sexual, passando a comparar-se aos brancos de igual comportamento.

De qualquer modo, estava justificado perante sua consciência, tanto mais quanto havia exemplos ali mesmo a bordo, para não falar em certo oficial de quem se diziam cousas medonhas no tocante à vida particular. Se os brancos faziam, quanto mais os negros. É que nem todos têm força para resistir: a natureza pode mais que a vontade humana. (CAMINHA, 1983, p.32)

Se estes podiam, então o negro, que estava em uma escala inferior ao branco no patamar da moral, também tinha tal direito. Amaro assume, assim, o ideal do ego do branco. A cultura hegemônica advinda do patriarcado cristão branco passa a ser uma autocensura para Bom-Crioulo. É justamente através de tais justificativas às avessas que Amaro adota o padrão de raciocínio do opressor branco na tentativa de, pela comparação, diminuir o que ele considera como “ato culposo”. Vejamos aqui uma contradição, Amaro, negro, assume certa culpabilização, inoculada nele pela cultura branca, relativo à sua prática homogenital, mas, ao mesmo tempo, se utiliza do comportamento do homossexual da elite branca da marinha para se autojustificar. Tal violência, contra si mesmo, abala a estrutura psicológica de Amaro, enquanto negro, já que o faz agir e pensar como se fora branco. O ideal branco como fonte de identificação para o negro torna-se um fetiche. Deste modo o negro que é demonizado pelo branco, passa também ao introjetar valores brancos a se autodemonizar por exercer atos execrados pela cultura do seu opositor. Sendo o modelo branco, o termômetro pelo qual o bom e belo se norteiam universalmente, o negro quer do mesmo modo assumir esse ideal. Nisto esta assentada uma das bases da violência racista do colonizador branco como classe hegemônica e dominante. Assim, alcançar esse ideal torna-se uma necessidade vital para o negro; “vítima dos efeitos dessa alienação, pouco importa, então, ao sujeito negro o que o branco real, enquanto indivíduo ou grupo venha a fazer, sentir ou pensar. Hipnotizado pelo fetiche do branco, ele está condenado a negar tudo àquilo que contradiga o mito da branquura” (COSTA, 1983, p.4).

Quando Amaro diz que se o branco sendo “superior”, “faz” então ele, como negro considerado “inferior”, pode “fazer” também. Deste raciocínio, vemos que ele se coloca hierarquicamente em um nível abaixo do sujeito branco. Mesmo que o fazer “cousas” não seja algo marcadamente positivo, se o branco civilizado pode fazer, então, ao negro, como raça dita inferior, muito próximo instintivamente aos animais, também tais atos, muito mais ainda, seriam permitidos. Assim, o negro, ao introjetar o modelo branco de civilização, se penaliza e se autodestroi enquanto sujeito, pois passa a identificar-se com seu algoz. Ao assumir tal modelo branco, aquele passa a acreditar que o ideal de branquura resume toda a humanidade e, assim, fonte de imitação.

Portanto, o maior campo de atuação da violência racista aconteceria no território em que essa obriga o negro a introjetar noções de inferioridade atreladas a sua categoria, o que acaba fazendo com que o ideal branco continue como mantenedor dos prestígios que lhe são outorgados. E o negro, não podendo pensar sobre si mesmo positivamente, dá o direito ao outro de definir sua identidade. Assim, aquele negro que vive em tal estado de alienação, sem possuir autonomia em suas formas de pensar e de agir, fica realmente desprovido de poder. O narrador, ao final do romance, depois do crime cometido por Amaro ao matar Aleixo, nos informa que “ninguém se importava

com o “outro”, com o negro, que lá ia, rua abaixo, triste e desolado, entre baionetas, à luz quente da manhã: porém, todos queriam “ver o cadáver”, analisar o ferimento, meter o nariz na chaga...” (BC, p.80). Percebemos que a morte de um branco atrai multidão; um branco morto vale mais que um negro vivo, pois ao negro Amaro não resta sequer um olhar de condenação ou de comiseração. A lógica diz que de um animal bruto não se pode esperar senão a violência. Neste caso, o lugar de animal é na jaula, na prisão, separado dos civilizados e é isto que vai acontecer com Amaro. No início da narrativa, Amaro foge da jaula - “conseguindo, porém, escapar à vigilância dos interessados, e depois de curtir uma noite, a mais escura de sua vida numa espécie de jaula com grade de ferro” (CAMINHA, 1983, p.17) - e no final, conduzido para ser enjaulado, quando é preso pelo assassinato de Aleixo.

Deste modo, o narrador, ao imputar em Amaro um estereótipo marcado dentro da sociedade branca e heteronormativa como era o mundo escravagista do fim do Império, nos faz crer que pouco estava preocupado em absolvê-lo desses “estigmas”: ser negro animalizado e praticante da homogenitalidade. O preconceito contra o negro e contra a homossexualidade é o que rege o romance, mas o que há de novidade aqui é que na narrativa, podemos encontrar denúncias do racismo como forma da dominação colonial, independente da intenção de denunciá-la ou não pela voz do narrador.

Bom-Crioulo, enquanto obra do Naturalismo e atrelada ao determinismo científico, não consegue afastar-se das questões ideológicas, sociais e políticas que permeavam o mundo de então e, tendo como fulcro este ponto de vista, é que vemos, imputados pelo narrador, em Amaro concepções de desejo sexual bestializado e descontrolado que ajudavam a referendar as teorias do branco colonizador. Deste modo, observamos que foi muito mais aceitável, para a opinião pública de então, ver colocada um negro como personagem principal da narrativa, já que este sendo ao mesmo tempo detentor de duplo “estigma negativo” – negro e homossexual, serviria como “bode expiatório” e, respaldaria a ideologia do embranquecimento que percorria os últimos estertores do Brasil imperial e o embrião do Brasil republicano. Vejamos parte de um documento epistolar de 1871 que demonstra este fato: “devo informar a v.exa., que é crença quase geral entre os fazendeiros, que o resultado mais ou menos próximo da discussão deste projecto, será a indisciplina dos escravos, seguida porventura de quaesquer tentativa criminosas contra os senhores” (PEREIRA, 2002, p.244) e continua “o facto é que os mesmos fazendeiros se empenham por todos os modos em obter gente branca para suas fazendas, já, segundo dizem, para se defenderem contra qualquer aggressão dos escravo, já para os habilitarem a substituir aquelles” (PEREIRA, 2002, p. 244). Na verdade, além de justificar os preconceitos e dar guarida à ciência finissecular, o narrador absolvía os ideais e interesses sócio-econômicos de uma sociedade branca predominantemente rural e conservadora, que já não tinha necessidade do trabalho escravo e que pretendia substituir o negro pelo imigrante branco.

REFERÊNCIAS

- CAMINHA, Adolfo. **Bom-Crioulo**. São Paulo: Ática, 1983.
- BELUCHE, Renato. **O corte da sexualidade: o ponto de viragem da psiquiatria brasileira no Século XIX**. São Paulo, Annablume, 2008.
- BROOKSHAW, David. **Raça e cor na literatura brasileira**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.
- COSTA, Jurandir Freire. **Da cor do corpo: a violência do racismo**. In: SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se Negro**. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

CRITELLI, Dulce Mara. **Vida, morte e destino**. São Paulo: Companhia Ilimitada, 1992.

NUNES FILHO, Nabor. **Eroticamente humano**. Piracicaba: Unimep, 1997.

PEREIRA, Miriam Halpern. **A política portuguesa de emigração (1870-1930)**. Revisão técnica: Maria Helena Ribeiro da Cunha. Bauru: EDUSC; Lisboa: Instituto Camões, 2002.

REIS, Carlos. **Estatuto e Perspectivas do Narrador na Ficção de Eça de Queirós**. Lisboa, Almedina, 1980.